

IMPORTÂNCIA CULTURAL DA FEIRA LIVRE PARA A POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PARNAMIRIM/RN

Tiago Charles de LIMA (1); Talita Marinho da CÂMARA (2)

(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, Av. Senador Salgado Filho, 1559, Tirol, Natal/ RN, CEP: 59015-000, e-mail: tiago_charles@yahoo.com.br

(2) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, Av. Senador Salgado Filho, 1559, Tirol, Natal/ RN, CEP: 59015-000, e-mail: talita_camara@hotmail.com

RESUMO

O trabalho apresentado a seguir consiste em analisar a importância cultural da feira livre de Parnamirim-RN para a população local residente no bairro. Para a elaboração desse estudo foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento e leituras bibliográficos, visitas ao local, registros fotográficos e entrevistas e diálogos com a população local, visando conhecer a opinião dos feirantes, consumidores, comerciantes e moradores sobre a importância cultural da existência dessa feira livre. Para delimitar o número de entrevistados utilizou-se o critério de saturação (SA, 1998), pois esse critério consiste em determinar a realização de entrevistas até o momento em que não se obtenham dados novos que possam acrescentar discussões ao tema da pesquisa. Por fim, é conclusivo que a feira é de grande importância para a sociedade pelo valor de manter viva a cultura local.

Palavras-chave: Feira-Livre, Parnamirim, interações sócio-culturais

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, as primeiras feiras surgiram para satisfazer as necessidades de troca entre as pessoas. A partir e ao redor delas surgiram as comunidades, os burgos, as cidades. Com o passar do tempo, a invenção da moeda substituiu a troca pelo comércio dos produtos. De lá para cá muito ocorreu, e muitas outras grandes e pequenas revoluções alcançaram ainda que distintamente todas as classes sociais. Mas ainda assim, em meio ao povo, sempre com suas raízes no povo, entre as coisas de ontem e de hoje, com um pé na tradição e outro no presente, parece que sempre estiveram ali. Quer na cidade ou no interior estão ali em dia, horário e endereço certo: dia de feira, onde “de tudo” agente encontra.

As feiras livres têm uma grande importância devido à diversidade de produtos ofertados a preços mais baixos, que atende principalmente as necessidades da população de baixa renda, promovendo, por sua vez o resgate da cultura e das tradições populares, na medida em que favorecem o encontro de pessoas da comunidade.

Nesse contexto, decidiu-se analisar a importância cultural da Feira Livre de Parnamirim/RN, que se localiza-se na Região Metropolitana de Natal, situada às margens da BR 101. Não se sabe ao certo a data de fundação desta feira, mas sabe-se que quando ela se iniciou, funcionava no Centro da Cidade, sendo transferida posteriormente para o Bairro de Santos Reis, onde funciona até os dias de hoje.

Neste ínterim, focalizou-se neste artigo, primeiramente a Trajetória das Feiras Livres, desde a idade média até os dias atuais, em seguida, a História da Feira Livre de Parnamirim/RN. Objetivando-se principalmente na Importância Cultural da Feira Livre para a população daquela Cidade. Para a

consecução desse estudo, utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento e leituras bibliográficas, visitas ao local, registros fotográficos, aplicação de entrevistas semi-estruturada junto aos visitantes da feira, de acordo com Gil (2002), porque é mais flexível e que permite analisar o maior número de ângulos do problema, e diálogos com a população local, visando conhecer a opinião dos feirantes, consumidores, comerciantes e moradores sobre a importância cultural da existência dessa feira livre. Para delimitar o número de entrevistados dessa pesquisa utilizou-se o critério de saturação (SA, 1998), pois esse critério consiste em determinar a realização de entrevistas até o momento em que não se obtenham dados novos que possam acrescentar discussões ao tema da pesquisa.

2 TRAJETÓRIAS DAS FEIRAS LIVRES

As feiras livres se oficializaram na idade média, pois eram controladas pelo Estado, que atuava como disciplinador, mas só ganharam importância entre as classes mais populares a partir da revolução comercial (séc. XI), em locais onde a população realizava trocas ou vendia seus produtos. O professor Floriano Cáceres descreve sobre a influência dos pólos comerciais da Europa no surgimento de cidades importantes como Veneza, Florença: entre outras:

Por essas rotas trafegavam caravanas de mercadores, que em determinados pontos dos caminhos, geralmente nos cruzamentos ou locais protegidos, efetuavam a troca de seus produtos. A esses pontos de encontros de mercadores dava-se o nome de FEIRAS.

Inicialmente, as feiras não tinham data nem duração certas. As primeiras eram anuais, mas depois se tornaram mais frequentes, dando origem a várias cidades.(CÁCERES, 1996, p. 35)

No Brasil, há evidências de feiras livres desde os tempos da colonização e, apesar da modernidade, elas resistem, sendo em muitas cidades do interior do país, o único local de comércio da população, funcionando também como centros de educação, cultura e entretenimento. Constituído assim uma modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública. Segundo Vieira (2004), as feiras livres constituem-se em uma prática comercial muito antiga, que garante o suprimento de gêneros alimentícios[...]Conforme Braudel (1998),

acredita-se que a principal causa da origem das feiras foi a formação de excedentes de produção, havendo a necessidade de troca de mercadorias, primeiramente, entre grupos vizinhos e, posteriormente, disponibilizando os produtos para grupos do entorno das comunidades..

A importância das feiras livres para a formação sócio-cultural dos indivíduos da sociedade é latente, até mesmo no contexto das classes sociais, as feiras estão ligadas, sendo mais claro isso que existem feiras livres nos interiores do Brasil, e há “feiras livres” mais sofisticadas, ex: bienais; exposições de animais, etc., onde o princípio básico é o comércio. Mas qual a importância da feira no contexto cultural? No nordeste brasileiro e onde vamos encontrar mais forte essa relação, não só na importância cultural, mas também socioeconômica. Segundo Arinaldo Martins de Souza:

Em trabalhos sobre a realidade das feiras, não raro podemos encontrar pista que nos levem a afirmação de que diversas culturas estão nas mesmas, muito bem representadas, sobretudo em se tratando de mercados tradicionais, onde os produtos comercializados revelam muito da cultura de determinada localidade. Presente no artesanato, facilmente encontrado em qualquer um destes espaços, bem como, certos tipos de comidas típicas e artigos religiosos, como os de umbandas e/ou candomblé, que também encontram nas feiras espaço garantido, o que mais poderia estar senão representações de cultura? Algumas feiras estão tão envolvidas com as culturas das localidades em que se insere a ponto de se tornarem pontos de referência destas últimas, Caruaru é um exemplo, bem como Campina Grande.

O interior do nordeste brasileiro e recortado por estradas, essa feitas para a ocupação deste território, um elemento principal para esse povoamento foram as feiras de gado, segundo Cascudo (1970, p.84), “os velhos currais de gado” foram alicerças pivotantes das futuras cidades. As primeiras estradas eram chamadas “caminhos as boiadas”.

A partir daí muitas cidades foram fundadas interior do nordeste e eram conhecidas por suas importantes feiras: Quixadá e Baturité, no Ceará; Campina Grande, na Paraíba, etc.

Sendo também importante ressaltar que Quanto menor o município, mais importante a feira para o seu desenvolvimento local, pois garante a comercialização da produção familiar, da pequena agroindústria e de produtos artesanais. Dolzani e Jesus (2004) descrevem a feira como um microcosmo do panorama socioeconômico e cultural de algumas cidades.

Além da feira ser uma instituição que age na transmissão da cultura sertaneja, acrescenta-se, a isso que numa feira se projeta majoritariamente uma cultura específica, na feira dá-se a troca. Isso significa que na feira livre dá-se uma mistura de crenças, convicções ideológicas, estilos e status onde sem dúvida a assimilação do novo é constante, porém, segundo Joana Neves (2002, p. 186).

A feira livre constitui-se um espaço privilegiado onde são vivenciados, exercitados e atualizados os elementos que compõem este modo de ser sertanejo, inconfundível no seu falar característico, no gestual e no trajar próprio, bem como, nos seus hábitos tradicionais de consumo, estabelecendo aí uma espécie de território da cultura sertaneja, que se irradiava para sua comunidade.

Sendo assim, a feira é, reconhecidamente, um espaço – um mundo – de percepções, sentidos e interações, no qual redes de educação, sociabilidades e culturas são tecidas, dominicalmente, por feirantes e fregueses, sujeitos sociais que se constroem trocando produtos, saberes, fazeres, estratégias de comprar e vender por melhor preço, risos, jocosidades, enfim, realizam a feira e constroem *pari passu* sua história. Charlot (2005, p. 40) caracteriza esses saberes como *capital cultural* quando postula que

[...] não se pode contar apenas com uma análise da sociedade em termos de posições sociais, é preciso analisar também as atividades que os indivíduos desenvolvem nela para conquistar, para manter, para transmitir essas posições e é preciso considerar também outras perspectivas do que simplesmente a de sua posição social. É preciso levar em consideração o sujeito na singularidade de sua história e as atividades que ele realiza – sem esquecer, no entanto, que essa história e essas atividades se desenvolvem em um mundo social [...]. Em resumo, é um sujeito indissociavelmente social e singular.

Os indivíduos que se inserem nas feiras livres desfrutam de um espaço privilegiado de capital cultural, pois através das performatividades e micro-eventos compõem um jeito peculiar de construção de conhecimentos sócio-educativo-culturais.

O histórico das feiras livres no Rio Grande do Norte, não é tão distante desses já apresentados anteriormente, principalmente por está localizado no Nordeste brasileiro. Várias foram as cidades fundadas a partir dos caminhos de gado: Currais Novos e Pau dos Ferros são grandes exemplos, e também não vai diferente a importância das feiras livres para a cultura norterriograndense.

3 A FEIRA LIVRE DE PARNAMIRIM/RN

A feira livre de Parnamirim/RN inicialmente funcionava no centro da cidade, ao lado do antigo mercado municipal. Com o crescimento urbano, houve a necessidade de deslocar a feira para uma área maior e atualmente funciona no Bairro de Santos Reis, periodicamente aos sábados, no horário das cinco às quatorze horas ocupando principalmente as Ruas Cruzeiro do Sul, Aspirante Santos e Dorothy de Moura Lima. A Feira Livre de Parnamirim/RN abrange uma área de aproximadamente 7.174,50 m² e popularmente é conhecida como Feira de Parnamirim ou Feira de Santos Reis, não possuindo denominação específica.

De acordo com dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Serviços urbanos (SEMSUR) o número total de comerciantes da Feira é de 953, sendo estes divididos em 747 bancas, 117 ambulantes e 89 cigarreiras, bares e comércios fixos. A Prefeitura não realiza nenhum tipo de cadastro desses comerciantes, os mesmos não pagam impostos e não dispõem de serviços de abastecimento de água e energia elétrica. A Feira é realizada continuamente, sendo classificada em permanente, seus setores de venda estão distribuídos em hortifrutigranjeiros, açougue, cereais, vestuário, utensílios domésticos, comércio informal e bares.

Fonte: www.parnamirim.rn.gov.br

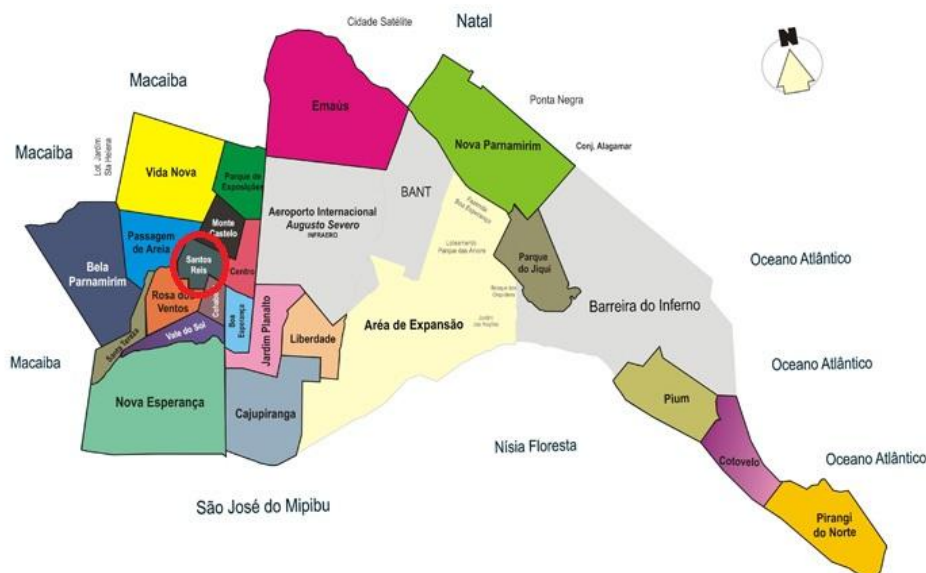


Figura 01: Mapa da Cidade de Parnamirim/RN, com destaque para o Bairro de Santos Reis, onde se realiza a feira livre da Cidade.

Em relação à limpeza do local, informou-se que todos os dias é realizada na área, sendo que aos sábados após o término da Feira, ocorre a varredura das principais ruas e a lavagem do setor dos peixes com o auxílio de um caminhão pipa. Já em relação à infra-estrutura, a Feira conta com o

apoio de um mercado público, que mesmo em bom estado, não encontra-se com condições ideais de limpeza e organização e seus banheiros encontra-se com condições precárias para o uso público.

Quanto à segurança do local, foi detectada a presença de um posto policial que se encontrava fechado durante a pesquisa. De acordo com os entrevistados, a segurança é feita apenas por um policial no dia da feira, ficando difícil do mesmo fazer o trabalho completo. Foi relatado casos de assaltos aos feirantes e consumidores. É importante ressaltar que a situação permanece a mesma nos dias em que não ocorre a feira.

4 A IMPORTANCIA DA FEIRA LIVRE DE PARNAMIRIM/RN NO ÂMBITO CULTURAL PARA A POPULAÇÃO DO BAIRRO

A feira de Parnamirim/RN, como em outra feira livre qualquer, representa a modalidade de varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, voltada para a distribuição de gêneros alimentícios e produtos básicos. Até hoje ela desempenha um papel relativamente importante não só no abastecimento urbano, mas também no âmbito cultural da população dessa localidade.

Nesse sentido, podemos chamar de cultural, segundo Claval (2007, p. 63) “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte”, não sendo, portanto um “conjunto fechado e imutável de técnicas e comportamentos”. A partir desse conceito, percebe-se que a identificação das manifestações culturais traduzem-se nas formas de comportamento, valores e símbolos que são a expressão da formação sócio-espacial da população daquele espaço.

A análise da percepção dos comerciantes, consumidores, feirantes e moradores da Feira ocorreu por meio da identificação de seus discursos sobre o que eles julgavam sobre o local estudado. As entrevistas foram realizadas no mês de junho em um único momento: no dia de sábado, dia em que ocorre a feira.

Os entrevistados foram perguntados sobre a opinião que eles têm sobre a Feira de Parnamirim, as primeiras palavras foram observadas nos discursos a seguir:

“É importante, pois encontramos produtos mais baratos”

“A feira movimenta a economia local”

“É muito boa, pois os produtos são frescos”

Quando perguntados no âmbito cultural a importância da feira para a população local, as respostas foram:

“É importante para manter as tradições nordestinas”

“Mostra as diversidades culinárias, lingüísticas e social”

“Ponto de encontro e de convívio entre os frequentadores da feira”

Diante desse contexto cultural, não faltam exemplos dessa manifestação na feira de Parnamirim/RN, onde lá encontra-se do peixe fresco aos plásticos, da sandália de couro aos importados, razão pela qual é ainda hoje um ponto de inserção de diferentes idades e classes sociais, um espaço que une a tradição à contemporaneidade sempre adaptando ao tempo, incorporando o ritmo eletrônico da cidade grande aos sonoros gritos e pregões dos ambulantes, vendedores, fregueses, dos velhos e meninos, trabalhadores e desocupados, todos conhecidos, todos personagens de um mesmo palco.

Tratando o conceito de território, que é fundamental para entender a feira, Souza (in Castro 2007, p. 78) diz que território é “fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de

relações de poder.”. Na feira de Parnamirim/RN, tudo se mistura e tudo se transforma. De repente, encontramos o lambedor industrializado, as conservas feitas em casa e as antenas de TV feitas com fio retorcido, no mais autêntico estilo artesanal. Tem coisas que a gente só encontra na feira. Tem coisas que por incrível que pareça, também encontra na feira. Tudo isso faz da feira, um território marcado pela diversidade e pelos contrastes sejam eles sociais, culturais ou econômicos. Sendo assim, “é pela existência de uma cultura que se cria um território, e é pelo território que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço.” (ROSENDAHL *apud* BONNEMAISON, 1981).

Podemos olhar a feira com duas perspectivas distintas: Um olhar sobre uma feira tradicional, que são as feiras dos mangaeiros, verdureiros, fumo de rolo, rapadura, doce no quilo, meninos vendendo sacolas confeccionadas artesanalmente, utilitários de couro e barro, corda de sisal, animais vivos, mel de furo, cereais, queijo fresco, goma de mandioca entre outros. Olhar a feira com os olhos de hoje, é encontrar conservas, enlatados, equipamento eletrônicos, peças de automóveis, hidráulicas e elétricas, produtos industrializados, roupas e calçados “de marca”, importados de R\$ 1,99, carros de som, antenas de TV, cd’s e dvd’s piratas, o vendedor de celular em punho, a propaganda do supermercado ao lado. Essa perspectiva pode ser muito bem observada na feira de Parnamirim, onde lá ocorre uma mistura do olhar tradicional e contemporâneo, sendo praticamente impossível distinguir uma da outra.

Os feirantes, principalmente, vivem em função deste comércio específico, tendo em vista a natureza itinerante, que varia um pouco de acordo com o grau de urbanização dos territórios. Em cidades médias e grandes, as feiras acontecem em bairros geralmente antigos ou mais “populares” e sempre no mesmo dia da semana. Já nas cidades pequenas, as feiras livres são parcialmente fixas, pois alguns feirantes geralmente comercializam carnes, legumes, frutas e verduras vendem seus produtos todos os dias da semana. Vale salientar que, nem todos os feirantes são produtores rurais, existem muitos intermediários comercializando na feira, mas que podem desempenhar importante papel no abastecimento de gênero alimentício, uma vez que trazem produtos oriundos de outras localidades e que não são produzidos na mesma região.

5 CONCLUSÃO

Após todas as discussões a cerca do tema em tela e da pesquisa empírica que realizamos sobre a feira livre Parnamirim, chegamos a concluir que mesmo num moderno como o atual (prenhes de grandes conglomerados e supermercados globais) alguns costumes e tradições da sociedade são mantidos; um deles é a resistência da feira livre, fazendo permanecer a cultural de um povo por um longo período.

Diante disso, percebe-se que a apesar de Parmanirim ser considerada uma cidade média em nível local e estar localizada na Região Metropolitana de Natal, a feira livre ainda denota um grau de importância para a sociedade, pois pode-se perceber . Esse é um espaço de manutenção das relações comunitárias e sociais ou um *locus* de sociabilidades e sistema econômico local-regional para os diferentes segmentos das pessoas locais, mesmo que numa área em que predomina as relações mercantis. Apesar disso, os sujeitos dessa pesquisa, os moradores locais vêm na feira um local de encontros e lazer, afinal, dia de feira é dia de festa, de encontro do homem do campo com os cidadãos que vivem nessa cidade, fazendo manter a cultural do seu povo.

REFERÊNCIAS

BRAUDEL, Fernand. **Os jogos das trocas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, v. 2.

CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3ª Ed. Florianópolis: Ed da UFSC, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDHAL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FERRETTI, Sergio. **Reeducando o olhar: estudo sobre feiras e mercados**. São Luís: Edições UFMA: PROIN (CS), 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 2002. 4 ed. 175 p.

NEVES, Joana. **A construção de um mundo globalizado**. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Cidades média: espaços em transição**. São Paulo, Expressão Popular, 2007.

VIEIRA, R. **Dinâmicas da feira livre do município de Taperoá**. 2004. Monografia.
(Trabalho de conclusão do Curso de Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.